



Uma vida de agruras e poéticas em Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo: a escrita como um plano imaginário de liberdade

A life of hardships and poetics in Carolina Maria de Jesus and Conceição Evaristo: writing as an imaginary freedom path

Dayse Rayane e Silva Muniz ¹

Recebido em: 21/03/2022

Aceito em: 20/06/2022

DOI: 10.26512/aguaviva.v8i2

RESUMO: Este artigo objetiva tratar sobre a relevância da produção literária das escritoras brasileiras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, com vistas a denunciar o apagamento do valor estético de suas obras pela crítica. Os romances *Diário de Bitita* (2014) e *Becos da Memória* (2017) servirão de esteio para que as aproximações entre as autoras e também as protagonistas, Bitita e Maria-Nova, sejam vislumbradas. Ao nosso ver, a fome e a miséria, assim como o amor pelos livros e pela educação, são características que, ao compor as vozes narrativas das jovens, abrem discussões sobre a desvalorização da escrita negra e feminina no contexto brasileiro. Notamos que, dentro e fora do tecido literário, a escrita se torna um plano imaginário de liberdade para Carolina, Conceição, Bitita e Maria-Nova.

PALAVRAS-CHAVE: Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo; valor estético; escrita negra e feminina.

ABSTRACT: This article aims at discussing the relevance of the production of Brazilian writers Carolina Maria de Jesus and Conceição Evaristo, in order to denounce the erasing of the aesthetic value of their work by the critic. The novels *Diário de Bitita* (2014) and *Becos da Memória* (2017) are going to be the mainstay for the approximations drawn between the authors and also the lead characters, Bitita and Maria-Nova. As we see it, famine and misery, along with the love for books and education, are features which compose the narrative voices of these young ladies, opening up space for discussions about the depreciation of Black female writing in the Brazilian context. We notice that, in and out of the literary fabric, writing becomes an imaginary freedom path to Carolina, Conceição, Bitita and Maria-Nova.

KEYWORDS: Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo; a esthetic value; Black feminine writing.

¹ Doutora em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF). E-mail: daysermuniz@gmail.com.



INTRODUÇÃO

Os sonhos dão para o almoço, para o jantar, nunca.

Conceição Evaristo, *Becos da memória*

Ah, comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é.

Carolina Maria de Jesus, *Diário de Bitita*

As produções literárias de mulheres negras ainda sofrem percalços para serem publicadas, lidas e estudadas no Brasil contemporâneo. Mesmo com esses enfrentamentos, escritoras como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo conseguiram reconhecimento bastante para figurar como personalidades essenciais para a tradição literária brasileira, dada a qualidade estética de suas obras e o fato de que, pelos olhares delas, podemos conhecer nosso país com mais profundidade e diversidade, mesmo que sob a égide da ficção. Neste artigo, tratamos dos romances *Diário de Bitita* (2014), de Carolina Maria de Jesus, e *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo, pois entendemos que essas obras confirmam o lugar de suas autoras no imaginário social brasileiro como sujeitas do discurso e contadoras de histórias, e não meras reprodutoras de determinada realidade.

Nos livros em questão, Jesus e Evaristo versam sobre a infância de meninas negras vivendo em meio à miséria em Minas Gerais, estabelecendo tensionamentos entre a miséria e o amor pela leitura. Ambas as protagonistas se aproximam por esses tensionamentos, e também por demonstrarem, no decorrer das narrativas, a necessidade de escrever as próprias histórias de vida. Nesse sentido, destaca-se o fato de que, como suas criadoras, as personagens entendem a relevância do registro de suas vivências por meio da palavra, seja ela escrita, seja falada.

Destoando do discurso canônico, o qual não admite o valor estético e político de obras escritas por mulheres negras, Jesus e Evaristo se usam do poder simbólico como uma possibilidade de ser e viver que desafia os padrões da sociedade brasileira racista, classicista e misógina, e o que está reserva para as mulheres pretas e pobres.



CÂNONE CONTRA-CÂNONE²

Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são duas escritoras brasileiras que destoam do cânone. Além de seu gênero e raça, essas mulheres apresentam, em suas obras, perspectivas pouco exploradas pela literatura nacional. Nas produções dessas escritoras – e é importante pontuar aqui o *status* dessas mulheres como criadoras, cuja atuação marca o campo simbólico brasileiro –, delineiam-se representações pouco frequentes na historiografia e literatura de nosso país: a dos povos negros (principalmente mulheres) como protagonistas de suas existências, criadoras de narrativas e sujeitas do discurso.

Deve-se assinalar que a falta de representação dos povos negros na literatura brasileira é uma constante apontada como sintoma do racismo estrutural, ainda parte significativa de nossa sociedade. Segundo Eduardo de Assis Duarte,

No arquivo da literatura brasileira construído pelos manuais canônicos, a presença do negro mostra-se rarefeita e opaca, com poucos personagens, versos, cenas ou histórias fixadas no repertório literário nacional e presentes na memória dos leitores. Sendo o Brasil uma nação multiétnica de maioria afrodescendente, tal fato não deixa de intrigar e de suscitar hipóteses em busca de seus contornos e motivações. E já de início se configura de modo inequívoco um dado fundamental para esta reflexão: o fato de o negro estar presente muito mais como tema do que como voz autoral. Uma evidência dessa magnitude demanda que se investiguem suas causas e implicações (Duarte, 2014, p. 151).

Figurando pouco como agentes do próprio discurso, os povos negros são sufocados por uma produção literária branca, masculina e de contornos coloniais ainda na contemporaneidade. Essa dinâmica traz consequências que se abatem, naturalmente, sobre as temáticas e olhares que compõem a nossa literatura. É a partir da constatação da lacuna da produção negra no campo simbólico que surge, pois, o pleito por mais pluralidade representativa, abrangendo também outros signos artísticos. O reconhecimento da pouca representatividade negra leva à consciência de que, ao interagirmos com a alteridade (ou nos mirarmos nela como semelhança) através da literatura, nós, como nação, teremos mais oportunidades de acessarmos e reverenciarmos nossas raízes e, não menos importante, ampliarmos nossa atuação na luta por equidade e dignidade, há séculos travada pelos povos subalternizados pela lógica colonial.

²Referência ao ensaio de Rita Terezinha Schmidt, que critica contundentemente o discurso canônico, o qual marginaliza as expressões literárias e historiográficas destoantes de suas crenças eurocentradas, impedindo o acesso de certas agentes ao campo simbólico.



Junto com o processo de democratização do campo simbólico, desenha-se a necessidade de entender como a recepção dessas obras tomará forma. Ainda de acordo com Duarte, há nas produções de autores como Conceição Evaristo um projeto de denúncia do preconceito que é primordial para o entendimento dessa literatura. A indiscutível urgência dessas pautas, no entanto, pode incorrer no risco da homogeneização de discursos e vozes. Discussões acerca de raça (e gênero) são fundamentais para o Brasil, mas os povos negros não têm a obrigação de falar apenas sobre isso; ademais, as narrativas negras não representam indivíduos como uma massa amorfa, com os mesmos pensamentos, desejos e sonhos. Apesar de explorar, no caso de *Diário de Bitita e Becos da Memória*, as vidas das mulheres negras e pobres vivendo à margem da sociedade, Jesus e Evaristo não falam por elas. Alocar essas autoras na perspectiva de denunciantes de uma sociedade arcaica e injusta, sem considerarmos o valor estético de sua produção, é negar a elas a dimensão artística, criativa e singular de seus trabalhos.

Percebe-se, nesse sentido, a premência de um movimento ativo de propagação, leitura e discussão da literatura afrobrasileira. Ela precisa ser mais veiculada e lida, e, ao mesmo tempo, percebida por sua relevância no que concerne às questões de raça (e gênero) que aborda, a qualidade estética que a diferencia e as possibilidades narrativas, interpretativas e representativas que enseja.

O LEGADO DE CAROLINA MARIA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO

Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo simbolizam agentes que se apoderam da escrita como um plano imaginário de liberdade, numa realização que reverbera no imaginário literário e social. Suas narrativas trazem à tona questões como o encontro com a alteridade, as relações de poder e a importância da representação de mulheres negras que, no caso delas, desdobra-se em uma poética cheia de força e sensibilidade. Trata-se de mulheres que denunciam, observam o mundo ao seu redor, fazem da vida ficção. No trabalho em que se engajam, há sensibilidade artística e, naturalmente, invenção.

Esse olhar para a invenção e o enfoque na construção das narrativas, num viés literário e simbólico, é o que nos permite perceber o valor estético da produção dessas escritoras, diferenciando a leitura de *Diário de Bitita e Becos da Memória* de uma perspectiva reducionista. No caso de Jesus, o posicionamento da crítica quando *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960) é publicado, ao se referir ao trabalho da escritora como um testemunho, delinea-se justamente como uma tentativa de separação da obra de sua dimensão artística e criativa. De acordo com Luciana Paiva Coronel, no artigo “O direito de sonhar em Carolina



Maria de Jesus” (2018), mesmo o editor do primeiro livro de Jesus, Paulo Dantas, anula a voz autoral da escritora. Segundo a pesquisadora, “[o]s termos ‘documentário verídico’ e ‘testemunho real’ usados explicitam o entendimento segundo o qual se recusa a dimensão de criação simbólica à produção de Carolina” (Coronel, 2018, p. 115). Percebemos a mesma linha de pensamento no livro do historiador Paulo Rezzutti, *Mulheres do Brasil: uma história não contada* (2018). Ao trazer um fragmento de *Quarto de despejo* sobre a fome dos filhos de Jesus, Rezzutti aponta: “Isso nas letras de um escritor poderia soar falso, poderia ser uma criação ficcional, mas, vertido para o papel por alguém que sofreu a situação, como ela, as palavras detêm uma verdade de que nenhum ficcionista poderia chegar aos pés” (Rezzutti, 2018, p. 237).

A colocação de Rezzutti, que separa Jesus de escritores e ficcionistas, mesmo que a intenção de seu livro seja justamente o resgate de mulheres invisibilizadas pelo discurso colonial e patriarcal brasileiro, é incoerente por não conceder à escritora o seu merecido lugar no campo simbólico, o que limita o seu trabalho a um recorte reduzido à fome na favela. Quando a crítica se compromete a perceber Jesus como detentora de uma força criadora, um leque de possibilidades se abre. Para Regina Dalcastagnè, por exemplo, Jesus representa “um marco fundamental para se ver e escrever a cidade”, trazendo “possibilidades poéticas e políticas desse lugar de fora” (Dalcastagnè, 2014, p. 289).

Essa resposta a uma crítica elitista e reducionista, ainda abundante no que diz respeito às contribuições literárias de mulheres negras, pode ter sido uma motivação para as reflexões trazidas por Conceição Evaristo no prefácio para a edição de 2017 de *Becos da Memória*. Ao classificar o livro como uma ficção da memória, a autora parece querer calar afirmações que subestimem sua capacidade inventiva. Nas palavras da escritora: “Como a memória esquece, surge a necessidade de invenção. [...] As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (Evaristo, 2017).

Na esteira da proclamação da inventividade de mulheres negras como contadoras de histórias, é que a riqueza dos olhares de Jesus e Evaristo se tornam mais evidentes. O legado dessas artistas para quem vem depois delas delineia uma tradição que se faz possível apesar dos apagamentos, como assevera Alice Walter em *Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista* (2021), ao tratar sobre a relevância de modelos para a vida de artistas negras(as):

O indispensável na apreciação da arte, ou da vida, é uma perspectiva mais ampla. Novas conexões, ou pelo menos a busca delas, onde antes não havia



nenhuma; o esforço para, com um único olhar sobre um mundo tão variado, abarcar o fio condutor, o tema em comum em meio à imensa diversidade; um destemor de crescer, de buscar e de investigar que expanda os mundos privado e público (Walker, 2021, p. 12).

Seria arriscado dizer que não existiria Evaristo não fosse o ato de Jesus de desafiar as relações de poder que a encerravam numa existência de pura busca pela sobrevivência, mas ao mesmo tempo é inevitável não refletir sobre a influência dela para as que vieram depois. Enquanto a autora de *Diário de Bitita* morreu no esquecimento, incapaz de ver suas outras publicações logrando sucesso – muito provavelmente devido ao desinteresse da elite pelo que ela ainda queria dizer –, Evaristo galgou patamares mais altos dentro do universo acadêmico e no mundo editorial. Doutora em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense e figura reconhecida na academia, a autora tem uma obra extensa que abarca romances, contos e poemas. Apesar de Jesus também ter uma obra diversificada, é conhecida apenas como uma escritora de diários, ângulo que muitas vezes apaga o viés literário e múltiplo de seus escritos; vítima do que Coronel assinala como *censura cultural*, Jesus não teve pleno reconhecimento como artista.

Por essa razão, o pioneirismo de Jesus pode ser visto como um percurso não terminado. Começado por Maria Firmina dos Reis, escritora do primeiro romance abolicionista brasileiro e não reconhecida por isso; continuado por Carolina Maria de Jesus, cujo sucesso meteórico plantou sementes que floriram Conceição Evaristo, e se estendem a outras mulheres negras que decidiram escrever e conseguiram publicar, a exemplo de escritoras como Ana Maria Gonçalves, Geni Guimarães, Cristiane Sobral e Eliana Alves Cruz.

AS AGRURAS E AS POÉTICAS EM *DIÁRIO DE BITITA* E *BECOS DA MEMÓRIA*

No que toca os dois romances explorados neste artigo, podemos assinalar algumas semelhanças entre as protagonistas e suas percepções para o lugar de vivência. Bitita, de *Diário de Bitita*, e Maria-Nova, de *Becos da Memória*, são duas jovens meninas que enfrentam a miséria em Minas Gerais. Além da fome, as duas dividem o fardo da violência que assola suas comunidades, assim como o racismo enfrentado no contexto escolar. Curiosas e vivazes, ambas são sensíveis aos adultos à sua volta, acompanhando com muita atenção seus dramas e vitórias. Além do lado ruim da vida nos lugares em que moram, de mulheres, homens e crianças vivendo à margem da sociedade, elas também dividem a alegria e o prazer da leitura. Podemos dizer que esses são os principais elos entre Bitita e Maria-Nova: a fome, a cor e os livros; apesar das agruras que enfrentam, elas percebem na literatura uma oportunidade de viver, esquecer a dor e sonhar.



Entre as várias temáticas comuns que circundam as narrativas, como a morte, a violência policial e as reflexões filosóficas das personagens, podemos citar a representação das mulheres negras como um ponto bastante explorado. Tópicos como a liberdade das sujeitas femininas, as violências perpetradas contra elas e suas vidas de luta, trabalho e criação dos filhos são partes significativa das histórias. Em *Becos*, por exemplo, conhecemos a história de Fuizinha, menina que crescia “temerosa, arredia” (Evaristo, 2017, p. 78), que perdeu a mãe para a violência doméstica:

A mulher silenciou de vez. Fuizinha ainda muito haveria de gritar. Ia crescendo apesar da morte da mãe e da violência que sofria do pai carrasco. Ele era dono de tudo. Era dono da mulher e da vida. Dispôs da vida da mulher até à morte. Agora dispunha da vida da filha. Ó que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para a gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ela. O Fuinha era tarado, usava a própria filha (Evaristo, 2017, p. 79).

O silenciamento de Fuizinha, evidenciado pelos gritos que os vizinhos fingiam não escutar e na falta de identidade, afinal, o seu nome é apenas um diminutivo do nome do homem que a violenta, se estende a inúmeras mulheres, brancas e negras, das comunidades de Bitita e Maria-Nova. Em *Diário de Bitita*, a menina reflete sobre o papel dos homens na vida de suas esposas:

O meu tio espancava a minha madrinha, que estava superalcooolizada, estendida no solo. Dava a impressão que ele estava espancando um cadáver. Mas quem é que ousava interferir? Quando ela normalizava, estava com o braço quebrado. Começava a gemer e a chorar. E eu pensava: “Tem mulher que diz que homem é bom. Que bondade pode ter o homem, se ele mata e espanca cruelmente? Quando eu crescer eu não quero homem. Prefiro viver sozinha” (Jesus, 2014, posição 1010³).

Apesar da pobreza ser o principal viés explorado nos romances, os preconceitos de raça e gênero são fatores que, adicionados à opressão de classe já vivenciada por essas mulheres, fazem as situações delas em seus lares, comunidades e locais de trabalho ainda mais hostis. Em *O povo brasileiro* (2015), Darcy Ribeiro aponta que uma das características da deteriorização urbana (fruto das desigualdades sociais e do racismo estruturante da sociedade brasileira) são as unidades matricêntricas manchadas pela miséria, tão comuns em comunidades carentes. Segundo Ribeiro,

A vida se assenta numa unidade matricêntrica de mulheres que parem filhos de vários homens. Apesar de toda a miséria, essa heroica mãe defende seus filhos e, ainda que com fome, arranja alguma coisa para pôr em suas bocas.

³ Todas as referências em que constam a posição são provenientes de livros em formato e-book.



Não tendo outro recurso, se junta a eles na exploração do lixo e na mendicância nas ruas das cidades (Ribeiro, 2015, p. 155, 156).

Ainda que a reflexão de Ribeiro seja certa ao evidenciar o fato de que muitas mulheres pobres (e também negras) são mães solo, que precisam encontrar maneiras de subsistir na ausência de companheiros que dividam a responsabilidade com elas⁴, é preciso pontuar que as comunidades de Bitita e Maria-Nova não são feitas apenas de mulheres abandonadas por seus parceiros, em relações heteronormativas ou em exercício de maternidade. As representações feitas em *Diário de Bitita* e *Becos da Memória* trazem uma grande multiplicidade de personagens, e mais que isso, mulheres retratadas como protagonistas das narrativas, a exemplo do que destaca Dalcastagnè, especificamente, acerca de *Becos*:

Mulheres de todos os tipos, moças, velhas e meninas, mulheres que amam outras mulheres, que são amadas por homens ou feridas por eles, que estão cansadas de cuidar dos filhos e dos pais, que desistem da vida ou que a celebram. É tamanha a diversidade que a autora pode dispensar os estereótipos, investindo na subjetividade de suas personagens, que são tantas quanto as experiências que incorporam (Dalcastagnè, 2014, p. 298).

A profusão dessas representações é de grande relevância tanto no plano político quanto no estético. Ao abarcar as possibilidades de existência de tantas mulheres, Jesus e Evaristo demonstram sofisticação estética e entendimento político ímpares. Em *Becos*, esses aspectos são salientados nas fragmentações e no ritmo da contação das histórias, aproximando a leitora de uma memória afetiva rica e envolvente. A imagem que Evaristo constrói da favela e de seus habitantes urge a sua necessidade de registrar e não deixar que essas existências morram. “Homens, mulheres e crianças se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (Evaristo, 2017, p. 17). Por outro lado, o olhar de Maria-Nova é capaz de dar subjetividade a indivíduos tão comumente representados como uma massa homogênea, em um esforço contra-hegemônico que é um importante sinal de resistência. A menina melancólica, ao testemunhar a morte de seu avô, tio Totó, entende o que precisa fazer para que, de fato, continuasse acreditando na imortalidade de uma pessoa tão valorosa em suas trajetória:

⁴ Para mais informações sobre a autonomia das mulheres pobres (e na maioria das vezes negras) no Brasil nos séculos XIX e XX, ver SOIHET, Rachel. “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano”. In: DEL PRIORE, Mary. (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 362-400.



Sim, ela iria adiante. Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova escreveria a fala de seu povo (Evaristo, 2017, p. 277).

Já em *Diário de Bitita*, a necessidade de registrar e o esforço contra-hegemônico de Jesus estão na mobilidade da personagem e na sua enorme sede de sempre saber mais. Quando pequena, ao perguntar a si mesma: “Quando será que hei de aprender tudo que há no mundo?” (Jesus, 2014, posição 243), ela já demonstra para os adultos à sua volta que “essa negrinha vai longe” (Jesus, 2014, posição 1274). O comportamento da menina, visto como inadequado e atrevido por muitos adultos, é um traço de sua personalidade que será crucial para as decisões na vida adulta. Nesse ponto, é interessante salientar que, ao se ficcionalizar, Jesus muitas vezes compõe narrativas que podem parecer inverossímeis. Isso ocorre, por exemplo, quando uma briga entre Bitita e um branco rico acaba pela mudança dele, humilhado pelas colocações inteligentes da menina; em outro trecho, um médico afirma que Bitita tem jeito para a poesia, fala que contrasta com o racismo e a pouca atenção dada aos médicos à população pobre e negra.

A inquietação de Bitita vira combustível para suas andanças e escritos. Quando mora na fazenda com sua mãe, ela afirma que a experiência a levou a escrever o poema “O colono e o fazendeiro”, e a necessidade de escrever e ler são constantemente reiteradas em seus deslocamentos. Procurando uma vida melhor, ela se apega aos livros e cadernos como uma herança preciosa, mesmo em momentos em que a vida parece muito cruel em meio à rejeição familiar e da sociedade, de modo geral.

Outra semelhança entre a trajetória de Bitita e Maria-Nova é a experiência de ambas na escola. Para alcançar o sonho de aprender a ler e escrever e, desse modo, falar de si para o mundo, Maria-Nova e Bitita precisam passar por um sistema educacional institucionalmente racista. As personagens enfrentam o racismo e a misoginia expressados por educadores e colegas, como colocado de modo mais explícito em *Diário de Bitita*. “Amanhã, eu não volto aqui. Eu não preciso aprender a ler. É que eu estava revoltada com os colegas de classe por terem dito quando eu entrei: - Que negrinha feia! Ninguém quer ser feio” (Jesus, 2014, posição 1461).

Em *Becos*, a dificuldade encontrada por Maria-Nova na escola é principalmente a solidão. Ela e mais uma colega eram as únicas crianças negras da turma e, para driblar a insegurança de ir à escola, a menina “[d]espitava, transformava o medo e a vergonha em coragem. Tinha uma vantagem sobre os colegas: lia muito. Lia e comparava as coisas. Comparava tudo e chegava a um ponto” (Evaristo, 2017, p. 110).



O fato da narrativa falar sobre a rotina escolar de meninas negras no contexto do século XX é mais uma maneira de criticar a realidade social e cultural brasileira. A falta de acesso à educação pelas camadas negras e pobres no Brasil é criticada por Darcy Ribeiro (2015), que salienta como a mentalidade racista e classicista brasileira não admite que se negou a conceder “um lugar e um papel de participantes legítimos na sociedade nacional” ao negro africano e seus descendentes brasileiros (Ribeiro, 2015, p. 166). Ainda segundo Ribeiro,

A nação brasileira, comandada por gente dessa mentalidade, nunca fez nada pela massa negra que a construiria. Negou-lhe a posse de qualquer pedaço de terra para viver e cultivar, de escolas em que pudesse educar seus filhos, e de qualquer ordem de assistência. Só lhes deu, sobejamente, discriminação e repressão. Grande parte desses negros dirigiu-se às cidades, onde encontrava um ambiente de convivência social menos hostil. Construíram, originalmente, os chamados bairros africanos, que deram lugar às favelas. Desde então, elas vêm se multiplicando, como a solução que o pobre encontra para morar e conviver. Sempre debaixo da permanente ameaça de serem erradicados e expulsos (Ribeiro, 2015, p. 167).

Através do pouco acesso que tiveram à leitura e à escrita, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo (que se formou aos 25 anos, após trabalhar por muito tempo como empregada doméstica) decidiram que o lugar reservado a elas pela sociedade brasileira não condizia com seus sonhos. A partir daí, inscreve-se a noção de escrita como um plano imaginário de liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Luciana Paiva Coronel (2018) define como um plano imaginário de liberdade o uso do poder simbólico por parte de Carolina Maria de Jesus para desafiar as barreiras sociais a que foi exposta em sua existência. Estendendo-se o conceito também à Conceição Evaristo, podemos constatar que a presença de escritoras como elas na literatura brasileira representa um olhar que difere do que é comumente publicado e apreciado em nosso país. A relevância das obras aqui discutidas reside em seu valor estético e político e também na perspectiva única que essas mulheres imprimem em suas criações literárias. As histórias tecidas por elas, centralizando a periferia como lugar de pluralidades existenciais, ampliam noções de modos de vida, histórias e culturas que não poderiam ser captadas por aqueles que estão de fora daquelas vivências. Há, nos projetos das autoras, gestos criadores e marcas particulares, características que as titulam a um lugar expressivo no campo simbólico brasileiro.



O lugar de enunciação conquistado a duras penas por essas autoras destoa do cânone, para quem narrativas como *Diário de Bitita* e *Becos da Memória* são percebidos meramente como registro de valor documental e denunciativo. Ler, escrever e publicar tornam-se, então, sinônimo do resgate de vozes ora apagadas pelo discurso colonial, que não permitiu às mulheres negras e seus(suas) antecessores(as) a possibilidade de transcender. Em *Becos da Memória*, o tio de Maria-Nova deposita na menina suas esperanças em um mundo mais equitativo.

- Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos (Evaristo, 2017, p. 111).

Em *Diário de Bitita*, a inquietude da protagonista, que muitas vezes se distancia de lugares em que teria acesso a casa, comida e segurança, é uma prova cabal de que, como qualquer outro ser humano, ela não precisa satisfazer apenas as necessidades fisiológicas para sobreviver. A sua fome não é só de comida. É de afeto, de acesso, de possibilidades criativas. O leitor de classe média que se incomoda com os deslocamentos de Bitita certamente não entende que, como um ser humano complexo, ela tem o direito de sonhar e buscar mais do que apenas encher o estômago. A consciência da exploração de seu povo, e em especial da situação das mulheres, faz de Bitita uma crítica incansável, a qual usa as armas de que dispõe para mudar o mundo que, segundo ela, deveria ser melhor.

A escrita dessas mulheres configura-se, assim, como uma ferramenta de busca de liberdade de si e respeito aos que vieram antes, e não se encerra na ficção. A literatura existe como uma “necessidade de reflexão sobre o papel da arte enquanto espaço de questionamento do mundo” (Nakagome; Licarião, 2018, p. 10), o que provoca uma mudança no imaginário social e, conseqüentemente, no nosso modo de enxergar a realidade; trata-se de uma troca que permite a vinculação com a alteridade, crucial para o estabelecimento de relações humanas mais justas (Bauman, 1999). A escrita dá a essas mulheres a liberdade de serem quem são, ou seja, escritoras, contadoras de histórias, observadoras críticas do mundo.

REFERÊNCIAS

BAROSSO, Luana. “(Po)éticas da escrevivência.” In: DALCASTAGNÈ, Regina et al. (Org.). **Literatura e Resistência**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.



- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus Pechel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- CORONEL, Luciana Paiva. “O direito de sonhar em Carolina Maria de Jesus.” In: DALCASTAGNÈ, Regina et al. (Org.). **Literatura e resistência**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018, p. 111 – 125.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990- 2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, p.13-71, jul./dez. 2005. Disponível em <http://www.gelbc.com.br/inicio.html>. Acesso em: 30 out. 2016.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 44, p. 282-302, jul./dez. 2014.
- DUARTE, Eduardo de Assis. "O lugar do negro na literatura: percorrendo o cânone". In: BELMIRO, Celia Agicalil et al. (Org.). **Onde está a literatura? Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014, p. 151-168.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.
- JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.
- JESUS, Carolina Maria. **Diário de Bitita**. São Paulo: Sesi Editora SP, 2014.
- NAKAGOME, Patrícia; LICARIÃO, Berttoni. “Apresentação.” In: DALCASTAGNÈ, Regina. et al. (Org.). **Literatura e resistência**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018, p. 9 – 35.
- REZZUTTI, Paulo. **Mulheres do Brasil: a história não contada**. Rio de Janeiro: Editora Leya, 2018.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Global, 2015.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. “Cânone/Contra-cânone: nem aquele que é o mesmo nem este que é outro.” In: CARVALHAL, Tania. (Org.). **O discurso crítico na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/IEL, 1996, p. 115-121.
- SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 362-400.
- WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista**. Trad. Stephanie Borges. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.